

Expectativas do Mercado

Após revisto pelo Departamento do Comércio dos EUA, o PIB do país registrou alta de 0,1% no 4º trimestre de 2012, revertendo queda de mesmo percentual, estimada anteriormente. Esse resultado mostra desaceleração da economia frente ao crescimento de 3,1% observado no trimestre anterior.

Pesou a favor o aumento dos investimentos em construção, e contra, o forte recuo dos gastos militares e da acumulação de estoques.

Atualmente, o governo norte-americano convive com o risco de extinção das isenções fiscais (“sequestro fiscal”), o que deve representar corte no orçamento da Defesa e redução da força de trabalho.

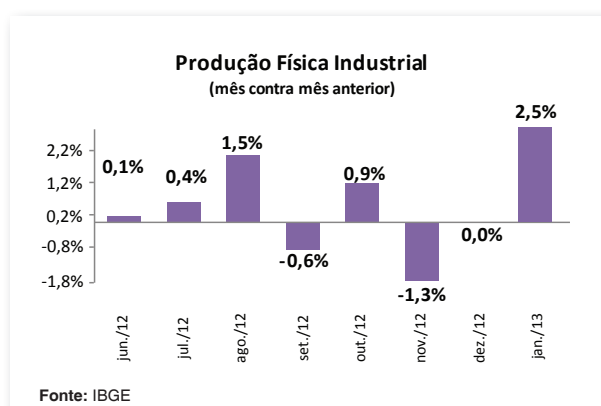
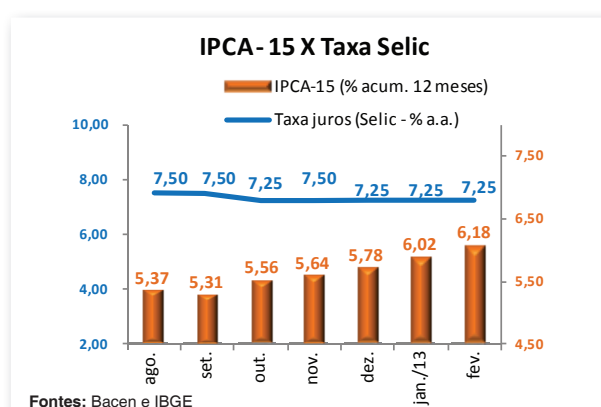
Com isso, estima-se que o PIB do país registre alta de apenas 1,7% em 2013.

O PIB da região do Euro, por sua vez, registrou queda de 0,6% em 2012. A Eurostat estima que o bloco esteja em recessão há 15 meses consecutivos, já impactando até mesmo a maior economia da região, a da Alemanha, cujo PIB computou queda, também de 0,6%, no 4º trimestre de 2012. O desemprego no bloco subiu para 11,9% em janeiro deste ano e deve fechar 2013 em 12,0%. Na Espanha, já chegou a 26,2%, com o índice de jovens desempregados atingindo 55,5%.

No quarto trimestre de 2012, o PIB da China cresceu 7,9%, fechando o ano em 7,8%. Para 2013, o governo chinês se compromete com aumento de 7,5% nesse indicador, embora, tradicionalmente, essa meta seja sempre superada, e tenciona conter a inflação em, no máximo, 3,5%, pouco acima da registrada em 2012 (2,6%). Entretanto, uma recuperação maior da economia chinesa dependerá, em grande parte, da retomada da economia europeia.

No Brasil, o PIB fechou 2012 com crescimento de apenas 0,9%, destacando-se o setor de serviços, com alta de 1,7%, enquanto a indústria registrou queda de 0,8% e a pecuária, de 2,3%. Para 2013, a previsão é de alta de 3,09%, crescendo um pouco mais nos anos seguintes.

A mediana das expectativas de analistas do mercado financeiro em relação à variação do PIB brasileiro em 2013 foi rebaixada para 3,09% ao ano. Já a expectativa para a inflação (IPCA) é de que feche 2013 em 5,70%, com tendência de ligeira queda nos anos seguintes. A taxa básica de juros (Selic), por sua vez, deve se manter em 7,25% neste ano, elevando-se para 8,25% em 2014 e para 8,50% em 2014 e 2015. Já a taxa de câmbio tende a se manter estável, oscilando pouco acima de R\$ 2,00 por dólar.



Quadro – Expectativas do Mercado

	Unidade de Medida	2013	2014	2015	2016	2017
PIB	% a.a. no ano	3,09	3,65	3,60	3,60	3,88
IPCA	% a.a. no ano	5,70	5,50	5,24	5,00	5,00
Taxa Selic	% a.a. em dez.	7,25	8,25	8,50	8,50	8,00
Taxa de Câmbio	R\$/US\$ em dez.	2,00	2,05	2,10	2,10	2,13

Fonte: Banco Central, Boletim Focus, consulta em 01/03/2013

Confira os últimos estudos/pesquisas da UGE:

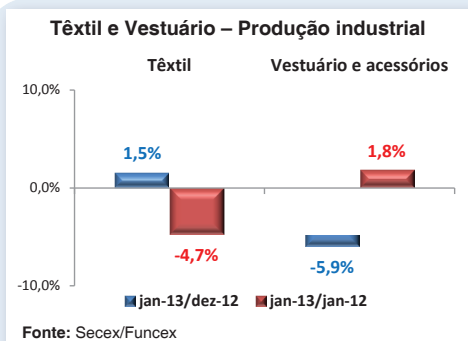
- Anuário do Trabalho na Micro e Pequena Empresa – 2012
- Empreendedorismo no Brasil: Relatório executivo 2012 (GEM)

Acesse esses e outros estudos e pesquisas no site <<http://www.sebrae.com.br/estudos-e-pesquisas>>.

Notícias Setoriais

COMÉRCIO VAREJISTA

O Comércio Varejista fechou 2012 com alta de 8,4% no volume de vendas, destacando-se as atividades de móveis e eletrodomésticos (+12,3%) e artigos farmac. med. Ortop. e de perfumaria (+10,2%), e elevação de 12,3% na receita nominal sobre o ano anterior, sobressaindo-se as atividades de superm., hipermerc., prod. alimentícios, bebidas e fumo (+15,8%) e artigos farmac., med. ortopédicos e de perfumaria (+12,9%). As atividades com pior desempenho no volume de vendas foram: tecidos, vestuário e calçados (+3,4%); livros, jornais, revistas e papelaria (+5,4%), e, na receita nominal, equip. e mat. para escritório, informática e comunic. (+0,6%); combustíveis e lubrificantes (+6,0%). O crescimento do comércio foi possibilitado pelo aumento da massa de remuneração dos trabalhadores. Para 2013, a expectativa é de continuidade de crescimento das vendas do varejo.



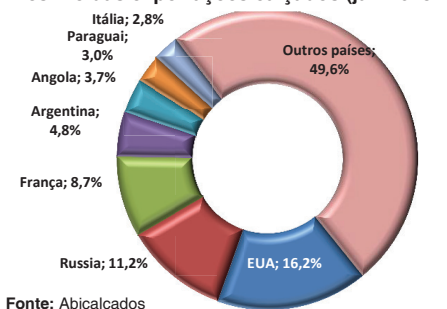
TÊXTEL E VESTUÁRIO

Em janeiro deste ano, a produção física da indústria têxtil aumentou 1,5% ante o mês anterior (com ajuste sazonal), mas em relação a janeiro de 2012, houve queda de 4,7%. A produção de vestuário e acessórios, por sua vez, registrou retração de 5,9% sobre dezembro e elevação de 1,8% ante o mesmo mês do ano passado. Já as exportações de Vestuário e seus acessórios registraram queda de 13,1% em janeiro sobre o mês anterior, enquanto as importações computaram aumento de 6,9% no mesmo período comparativo, fazendo com que a balança comercial do setor fechasse com déficit de US\$ 249 milhões. A expectativa é de que a produção continue a retomar o crescimento em 2013 em função das medidas de incentivo à indústria implementadas pelo governo no ano passado, que parecem já começar a surtir efeito.

CALÇADOS

Em janeiro de 2013, a produção brasileira de calçados e artigos de couro registrou alta de 13,8% ante o mês anterior, e de 1,1% sobre igual mês de 2012. As exportações de calçados, também em janeiro, computaram diminuição de 0,7% (em US\$) sobre dezembro de 2012, com as importações tendo aumentado 12,0% nesse mesmo período. Apesar disso, a balança comercial do segmento fechou janeiro com superávit de US\$ 46,8 milhões. O principal destino das exportações continuou sendo os Estados Unidos, que responderam por 16,2% do total exportado, em US\$, seguidos pela Rússia. Também nesse período, o valor médio do par exportado recuou 13,3%. Destaque-se que o setor vem sinalizando recuperação, tendo empregado, em janeiro, 7.432 trabalhadores (maior saldo de contratação, desde setembro de 2010). Assim, as perspectivas mostram-se favoráveis para este e os próximos anos.

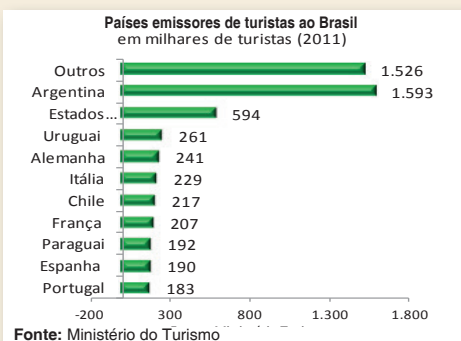
Destino das exportações calçados (jan-2013)



MÓVEIS

O setor moveleiro também computou aumento da produção em janeiro deste ano sobre o mês anterior, de 8,5%. Em relação a janeiro de 2012, a alta foi de 10,0%. A balança comercial, por sua vez, registrou déficit em janeiro, de US\$ 27,4 milhões. As perspectivas para as empresas do setor continuam favoráveis tendo em vista a inclusão do setor no Plano Brasil Maior, que passará a pagar imposto de apenas 1% sobre o faturamento ao invés de recolher a contribuição patronal do INSS, de 20% sobre a folha de pagamento. Com isso – e considerando ainda a atual conjuntura macroeconômica (baixo nível de taxas de juros, aumento (real) da renda e do emprego, dentre outros fatores) –, espera-se continuidade de recuperação da produção em 2013 e anos seguintes.

TURISMO



A receita cambial turística no Brasil registrou alta de 23,7% em janeiro sobre dezembro, atingindo US\$ 695 milhões, enquanto as despesas cresceram 15,3%, no mesmo comparativo, totalizando US\$ 2.293 milhões. Dados de 2011 do Ministério do Turismo mostram que a Argentina é o principal emissor de turistas para o Brasil, com quase o triplo de turistas enviados pelos Estados Unidos, segundo colocado. O Plano Nacional de Turismo prevê aumento de 47,5% na receita gerada pelo turismo internacional até 2015, quando deverá atingir US\$ 10 bilhões. Essa previsão, contudo, poderá ser comprometida, em função da crise que assola países europeus, não obstante os importantes eventos programados, como a Copa das Confederações neste ano, Copa do Mundo (2014) e Olimpíadas (2016), no Rio de Janeiro.

Artigo do Mês

Marco Aurélio Bedê¹

“Raio X” dos Pequenos Negócios no Brasil

Recentemente, o Sebrae publicou o “Anuário do Trabalho na MPE 2012”. A publicação cobre o período 2000-2011 e utiliza como principais fontes de informações as bases de dados da RAIS, PNAD, Censo Demográfico e PED. O anuário apresenta dados nacionais, por regiões e por UF.

De acordo com a publicação, entre 2000 e 2011, o número de Micro e Pequenas Empresas (MPE) cresceu 50%, passando de 4,2 milhões para 6,3 milhões². No mesmo período, o número de empregados com carteira aumentou 81%, passando de 8,6 milhões para 15,6 milhões de empregos.

Em termos de número de empresas, houve queda da participação relativa do comércio e da indústria, e queda das participações do sudeste e do sul. Os demais setores (serviços e construção) e regiões (N, NE e CO) ganharam participação relativa. Em termos de empregos, a indústria e o sudeste perderam em participação relativa, crescendo a dos demais setores (serviços, construção e comércio) e regiões (N, NE, CO e S).

Quanto ao rendimento médio real dos trabalhadores, verificou-se expansão de 18% nas MPE, já descontada a inflação, contra uma expansão de 9% nas médias e grandes empresas. A expansão foi maior no Centro-Oeste (+32%), entre os mais jovens (até 24 anos) e os mais velhos (60 anos ou +) com crescimento de 26%, e no comércio (+22%).

Estes dados mostram que os Pequenos Negócios vêm afetando (e sendo afetados) pelo forte processo, em curso, de transformação da sociedade brasileira. O setor industrial vem perdendo participação, de emprego e empresas em razão do menor dinamismo da indústria no País, prejudicada pela concorrência dos importados, taxa de câmbio apreciada e crise internacional. Enquanto isso, as MPE mais voltadas para o mercado interno (comércio, serviços e construção) têm sido beneficiadas pela expansão do consumo das famílias, favorecidas pelas políticas de renda e de crédito, e pela migração de mais de 30 milhões de brasileiros das classes D e E para as classes B e C.

O processo de desconcentração, do Sudeste e Sul para as demais regiões e para o interior, também tem sido favorecido pela política de rendas (ex. aumento real do salário mínimo e ampliação do “Bolsa Família”), cujo impacto é maior nas regiões mais pobres pela redução estrutural da taxa de desemprego (associada à menor natalidade), pela expansão dos salários mais baixos (dado o mercado de trabalho aquecido) e pela expansão da fronteira agrícola.

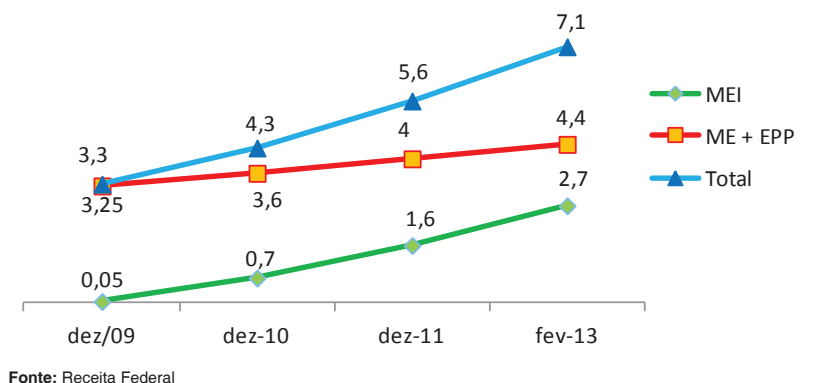
Finalmente, o aumento do salário real nos Pequenos Negócios diminuiu o *gap* existente frente aos salários pagos pelas grandes empresas. Reforça-se, com isso, o processo de desconcentração de renda. Os Pequenos Negócios são, portanto, atores ativos desse novo processo de desenvolvimento, que tem se mostrado “inclusivo” e “desconcentrador”. Processo este que tem uma boa chance de ter continuidade nos próximos dez anos.

¹ Doutor em Economia pela FEA/USP

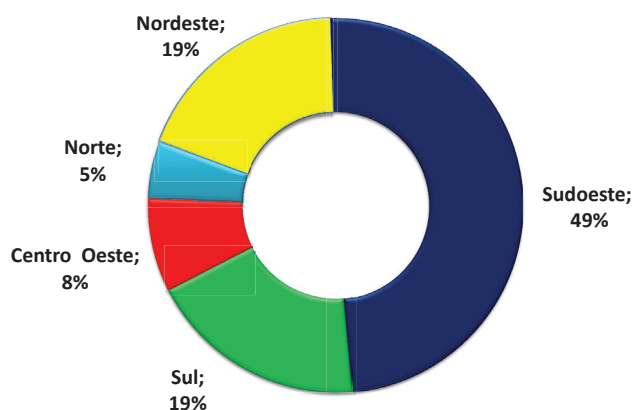
² Mesmo depois desse período, o número de empresas vem crescendo significativamente. Em janeiro de 2013, a SRF registrou cerca de 7 milhões de empresas optantes pelo Simples Nacional.

Pequenos negócios no Brasil

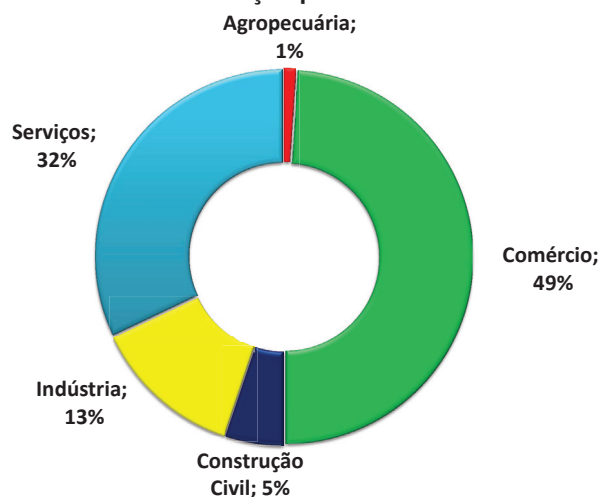
Evolução dos optantes pelo Simples Nacional
(em milhões)



Concentração por região



Concentração por setor



Estadísticas das MPE

Participação das MPE na economia	Referência	Participação %	Fonte
No número de empresas exportadoras	2011	61,5%	FUNCEX
No valor das exportações	2011	0,9%	FUNCEX
Na massa de salários das empresas	2011	39,5%	RAIS
No total de empregados com carteira	2011	51,6%	RAIS
No total de empresas privadas	2011	99%	RAIS

Informações sobre as MPE	Referência	Total	Fonte
Quantidade de produtores rurais	2010	5,4 milhões	IBGE/Sebrae
Potenciais empresários com negócio	2009	12 milhões	PNAD
Empregados com carteira assinada nas MPE	2011	15,6 milhões	RAIS
Renda média mensal dos empregados com carteira MPE	2011	R\$ 1.203	RAIS
Massa de salários paga pelas MPE	2011	R\$ 18,7 bi	RAIS
Número de MPE exportadoras	2011	11.525	FUNCEX
Valor total das exportações das MPE (US\$ bi FOB)	2011	US\$ 2,2 bi	FUNCEX
Valor médio exportado por MPE (US\$ mil FOB)	2011	US\$ 192,8 mil	FUNCEX

Microempreendedor Individual (MEI): receita bruta anual de até R\$ 60 mil.

Microempresa (ME): receita bruta anual igual ou inferior a R\$ 360 mil, excluídos os MEI.

Empresa de Pequeno Porte (EPP): receita bruta anual maior que R\$ 360 mil e menor que R\$ 3,6 milhões.